

Apresentação

REPRESENTAÇÕES ALARGANDO O ARQUÉTIPO DE SUJEITO-CIDADÃO

Esta edição da revista Extraprensa tem como tema “Cultura, Representações Sociais e Comunicação na América Latina”. O objetivo é refletir sobre os dilemas dos sistemas democráticos nos países continentes referentes aos modelos de representação para além das suas formalidades.

É fato que as democracias no continente são recentes e marcadas por instabilidades devido ao lugar ocupado por estas nações na geopolítica internacional. Isto ficou ainda mais visível com a percepção dos povos latino-americanos acerca dos impactos sociais do receituário neoliberal imposto pelo grande capital transnacional. O aprofundamento da democracia possibilitou questionamentos a este modelo imposto pela ordem mundial dentro dos próprios espaços institucionais da democracia burguesa. Por isto ela é atacada por todos os lados pelas classes dominantes.

De uma forma distinta do que foi nos anos 1960, reconstruiu-se uma ideia do nacional-popular. Mas não necessariamente a partir da voz de intelectuais comprometidos com projetos políticos de cunho socialista que falam em nome de um povo e sua diversidade. A vez agora é de protagonismos midiáticos e culturais dos próprios sujeitos desta diversidade por meio de narrativas direcionadas para além dos espaços políticos tradicionais. A cultura emerge como este novo lugar da práxis política, pois é o lócus da projeção de subjetividades.

Assim, os artigos desta edição trazem estudos que analisam os mecanismos de manutenção da ordem por meio da mídia hegemônica, as sutilezas ideológicas

que reproduzem uma ordem estabelecida e também reflexões sobre iniciativas que pretendem construir uma narrativa a partir “do lado de cá”.

O que chama atenção neste cenário é a sofisticação dos mecanismos de opressão ideológica. Já não se trata apenas de disseminar determinados valores abertamente partidários, mas sim apresentar modelos de representação dos grupos subalternizados gerando a aparência de uma diversidade na mídia.

Evidente que com a institucionalização da ordem democrática não é possível, para as estruturas de poder, ignorar a existência da maioria excluída. Por isto é necessário este deslocamento das narrativas hegemônicas para a definição de papéis e espaços pré-determinados para determinados segmentos, de forma que a sua visibilidade não altere as estruturas de poder.

Observa-se que muitos ainda confundem representação com visibilidade, o que é um grande equívoco. A invisibilidade é, além da não presença nos espaços midiáticos, o estreitamento do arquétipo de cidadão a partir das referências hegemônicas. A participação no grande circo não transforma os gladiadores em cidadãos. O arquétipo de sujeito-cidadão precisa ser alargado e é justamente isto que sinaliza a práxis político-cultural destes sujeitos nas várias experiências. Os estudos desta edição do Extraprensa trazem esta importante reflexão.

Boa leitura,

Prof. Dr. Dennis de Oliveira

Dezembro de 2019

Coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC)